



© Zoom // Emigração

Desemprego

O Brasil é o novo oásis para quem não encontra o que fazer

É, de novo, destino preferencial dos emigrantes portugueses. Hoje são gestores e altos quadros que chegam

ROBERTA ABREU DE LIMA
em São Paulo

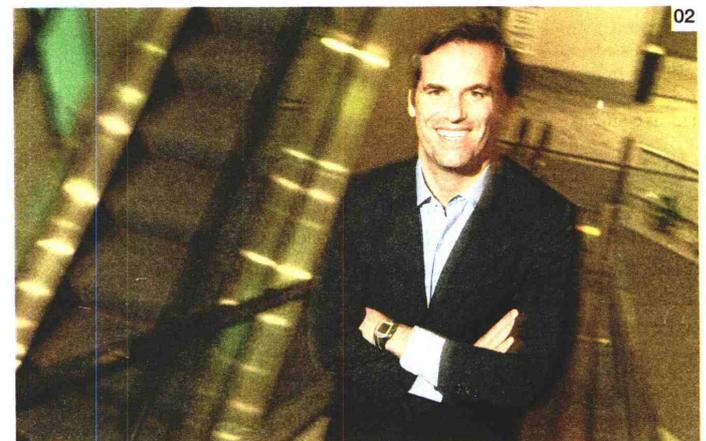
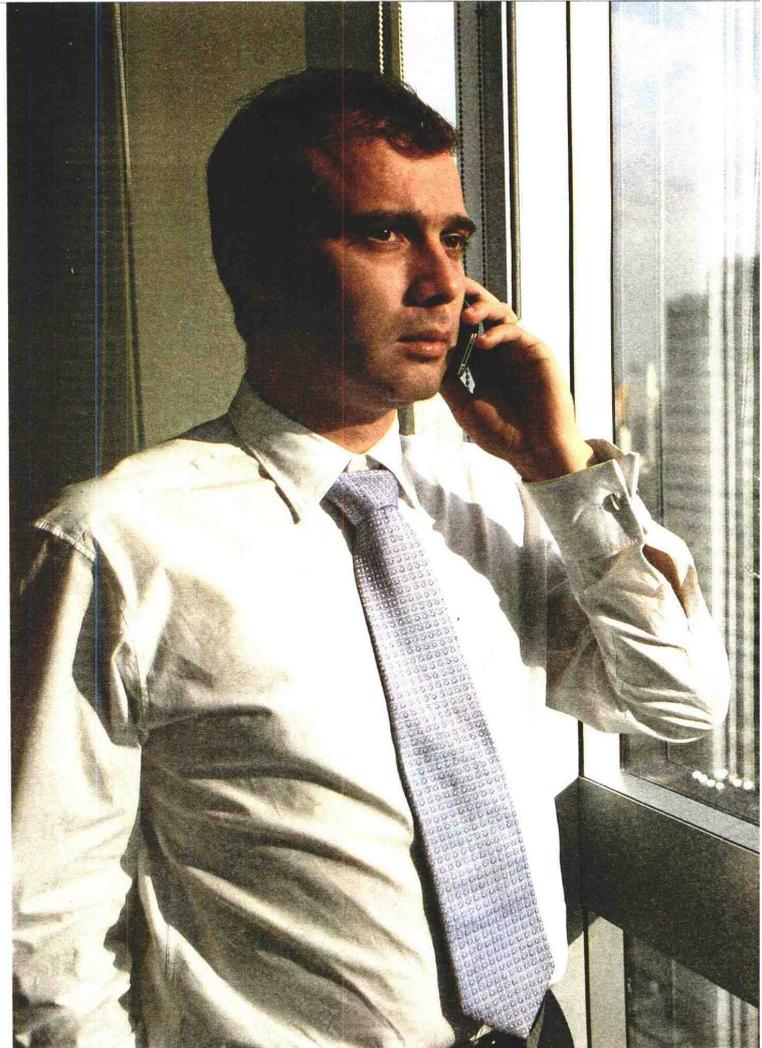
O português José Temporão deixou o vilarejo em que nasceu, no distrito de Viana do Castelo, em 1946. Desembarcou no Brasil aos 22 anos. Decidiu fugir da miséria que assolou o seu país no período da ditadura de Salazar e procurar emprego no Rio de Janeiro. Quando chegou foi trabalhar numa charutaria, a vender cigarros e chocolates. Quatro anos depois voltou a Portugal para buscar a mulher e os três filhos. Com muita dificuldade, conseguiu abrir uma lanchonete e, anos depois, um restaurante. "Eu era muito pobre, foi um período de muita luta e de trabalho árduo", diz Temporão, que até hoje, aos 86 anos, trabalha doze horas por dia no restaurante, o Mosteiro, no centro do Rio.

Histórias como a de José Temporão são cada vez mais raras no Brasil. Os portugueses que se mudaram para o país na última década têm um perfil muito diferente dos que, como Temporão, vieram na primeira metade do século XX. Nesse período, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil recebeu quase um milhão de imigrantes provenientes de Portugal. A média anual de portugueses que desembarcavam no país chegou a ser superior a 25 mil. Essa população era composta basicamente de camponeses pobres e sem escolaridade que passaram a dedicar-se ao comércio. Entre os brasileiros, esses imigrantes tornaram-se alvo de um anedotário que persiste até hoje.

Na segunda metade do século XX, a imigração portuguesa para o Brasil foi diminuindo, sobretudo devido ao desenvolvimento econômico europeu. A partir da década de 90, porém, o fortalecimento da economia brasileira decorrente da criação do Plano Real passou a atrair investidores estrangeiros, entre os quais empresas portuguesas, por exemplo grandes grupos hoteleiros e companhias da área das telecomunicações, que se instalaram principalmente em São Paulo e no Nordeste do país. Com as empresas vieram portugueses qualificados, geralmente com formação superior e experiência internacional, recrutados para ocupar posições de destaque.

Esse é o caso do lisboeta Diogo Castro e Silva, de 37 anos, que se mudou para São Paulo há quatro meses. Formado em Economia, Castro e Silva vivia há três anos nos Estados Unidos, onde trabalhava como funcionário do Banco Mundial, quando foi convidado para fazer parte da direcção de um grupo financeiro português que actua no Brasil.

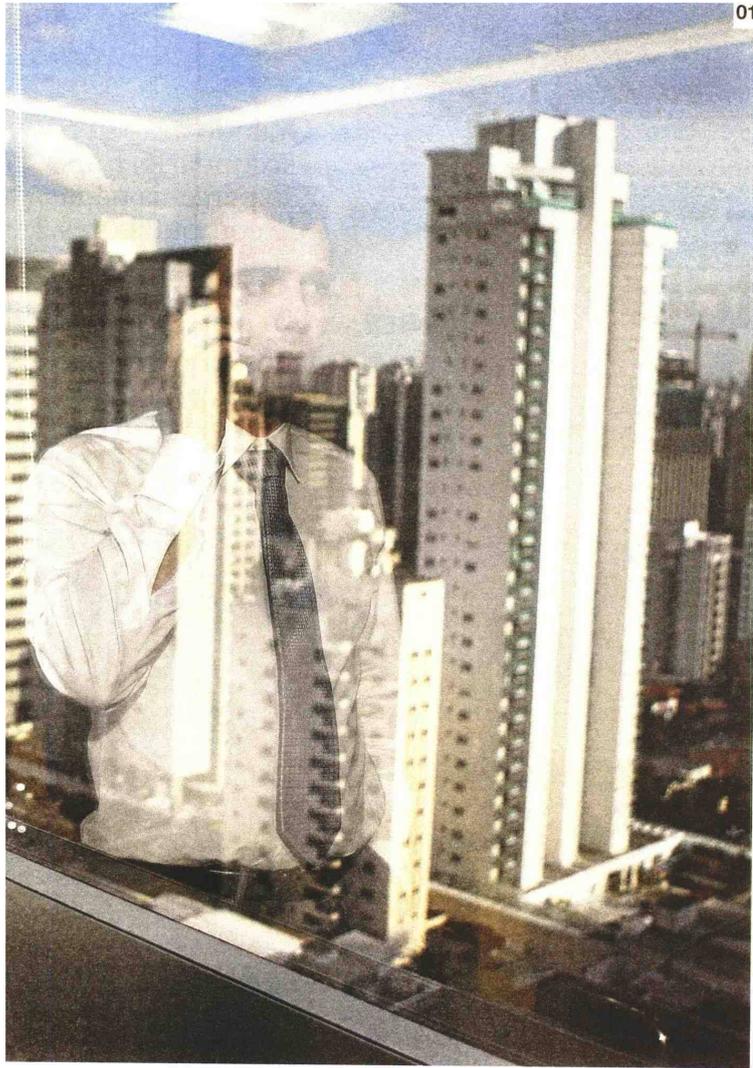
Castro e Silva já tinha estado muitas vezes no país e conta que não teve dificuldade em adaptar-se. "Sinto-me em casa no Brasil. Além de partilharmos a língua materna, a nossa cultura e a nossa maneira de nos relacionarmos com as pessoas são muito semelhantes", relata. As principais diferenças entre os dois países não estão na vida quotidiana, mas no mundo dos negócios: "O ambiente corporativo brasileiro é mais semelhante ao americano que ao português, mas é fácil compreendê-lo."



"Teria mais dificuldades em readaptar-me a Portugal do que quando cheguei aqui", diz Trigo de Moraes

"Sinto-me em casa no Brasil", diz o economista Diogo Castro e Silva

A pujança da economia brasileira atraiu ainda empresas de pequeno e médio porte que oferecem serviços especializados. Director-geral de uma companhia de capital português que promove grandes feiras e eventos, o lisboeta Domingos Meirelles vive em São Paulo há sete anos. Acaba de organizar uma importante feira de vinhos na cidade, que contou com a presença de representantes do mundo todo durante três dias e conquistou a atenção da imprensa brasileira. Fluente em quatro idiomas, Meirelles tem 38 anos e já tinha vivido em França, onde fez um mestrado em marketing de vinhos. Hoje casado com uma brasileira, afirma sentir-se mais realizado em terras tupiniquins. "Ainda que existam diferenças



01

- 01 Diogo Castro e Silva mudou-se para São Paulo há quatro meses. Vivia nos Estados Unidos da América, onde era funcionário do Banco Mundial. Diz que "o ambiente corporativo brasileiro é mais semelhante ao americano que o português".
- 02 Domingos Meirelles vive em São Paulo há sete anos. Acaba de organizar uma feira de vinhos na cidade que conquistou a atenção de toda a imprensa brasileira e teve a presença de representantes do mundo inteiro.
- 03 António Trigo de Moraes, lisboeta de 46 anos, abriu uma agência de publicidade que está a dar cartas no Brasil. Diz que "o brasileiro é o português em versão descontraída" e que já teria dificuldade em readaptar-se a Portugal.

MARCOS HERMES



03

na maneira de trabalhar, é fácil para um português adaptar-se ao Brasil."

Aliar as oportunidades de um mercado de 180 milhões de habitantes às semelhanças culturais com a terra natal foram as motivações do empresário António Trigo de Moraes, lisboeta de 46 anos que abriu uma empresa de publicidade em São Paulo há cinco anos. Hoje actua em dezasseis estados brasileiros e atende clientes dos mais diversos sectores. Além do sucesso profissional, Moraes fala da sua identificação com as pessoas e com o estilo de vida do paulistano: "Costumo dizer que o brasileiro é o português em versão descontraída. Gosto tanto daqui que acho que teria mais dificuldades para me readaptar a Portugal do que tive para me adaptar ao Brasil quando cheguei."

Nos últimos anos, o Brasil tornou-se destino até de profissionais liberais e de artistas nascidos em Portugal. O actor lisboeta Ricardo Pereira, de trinta anos, actua em papéis de destaque na televisão portuguesa, mas agora vive no Rio de Janeiro. Estreou na televisão brasileira em 2004, na telenovela "Como uma Onda", da SIC. De lá para cá trabalhou em três telenovelas. O arquitecto Bruno Guedes, também de Lisboa, desembarcou em São Paulo no mesmo ano que Pereira. Montou escritório, conquistou clientes na sua área e descreve-se como um profissional realizado. "As únicas dificuldades de adaptação que experimentei estão relacionadas com os problemas típicos de uma metrópole e não com as diferenças culturais", afirma. "Uma das

minhas principais preocupações é a violência, problema que praticamente não vivemos em Portugal."

A história do Brasil está relacionada com a dos seus imigrantes. Portugueses, africanos, italianos, espanhóis, alemães e japoneses, entre outros povos que adoptaram o país como pátria em contextos diferentes, ajudaram a constituir o povo brasileiro. Os seus traços são visíveis no porte físico dos brasileiros, nos hábitos, na cultura, na alimentação e na economia. A diversidade, a miscigenação e o multiculturalismo tornaram-se características associadas ao Brasil. De acordo com os dados do IBGE, o Brasil recebeu mais de 5 milhões de imigrantes.

A imigração recente de portugueses – e de europeus em geral –, trazida principalmente pelos investidores também estrangeiros, é um fenómeno positivo para a economia brasileira. "Os brasileiros lidam facilmente com a diversidade, porque se preparam para actuar num ambiente globalizado quando frequentam as universidades e fazem intercâmbios", explica a headhunter brasileira Denise Barreto.

Sorte dos estrangeiros em geral, e dos portugueses em particular, que encontram em terras brasileiras um caminho muito mais fácil que o que trilharam os seus conterrâneos que vieram há mais tempo e assim podem mostrar as inúmeras habilidades de que é dotado o povo português. Além de administrarem óptimas padarias e restaurantes especializados em bacalhau. Ora pois!

Dinheiro português enviado do Brasil quase duplica

As remessas de emigrantes portugueses residentes no Brasil cresceram 90% em Fevereiro face a igual período do ano passado

●●● Duarte Schmidt Lino é um dos cerca de 700 mil portugueses que escolheram o Brasil para viver e trabalhar. O advogado de 32 anos confirma ao *i*, em conversa telefónica a partir de São Paulo, que envia, como tantos outros, dinheiro para Portugal, engrossando o valor recebido pela economia nacional nas chamadas remessas de emigrantes.

Muito importantes para Portugal no tempo da ditadura e da emigração em massa, as remessas totais dos portugueses que estão no estrangeiro estão a cair desde o início de 2008 devido à crise. Os últimos dados são de 2008 e dão conta de quase 2,5 mil milhões de euros recebidos, segundo o Banco de Portugal. Neste campeonato, o Brasil, que tem mostrado resistência no quadro actual de recessão mundial, destoa. As remessas com origem no Brasil cresceram 90% em Fevereiro face a igual período do ano passado, diz o Banco de Portugal. Em 2008, as transferências deste país totalizaram perto de dez milhões de euros, ainda assim metade do valor enviado da

Venezuela, onde a comunidade portuguesa é maior.

Duarte Lino, que trabalha na PLMJ, sociedade de advogados portuguesa, explica que "este país de 200 milhões de habitantes também experimentou algum arrefecimento na actividade económica devido à crise" mas que "nesta altura já se sente retoma na confiança das pessoas". O que é bom prenúncio para todos: para os brasileiros e os estrangeiros que lá trabalham. Isso é positivo até porque "há muitos portugueses qualificados – advogados, gestores, quadros médios e altos, engenheiros". Uma promessa de maior retorno de riqueza enviada do Brasil que ajuda a equilibrar as contas da deficitária economia portuguesa.

O Brasil é o sétimo cliente da economia portuguesa fora da Europa. Segundo o Instituto Nacional de Estatística, as exportações de Portugal para o país cresceram 24% em 2008, tendo chegado aos 320 milhões de euros. De acordo com o Fundo Monetário Internacional, este ano haverá um ligeiro retrocesso no crescimento brasileiro (cerca de 1,3%), mas a economia voltará aos carris da alta velocidade nos anos seguintes. Espera-se uma expansão de 2% em 2010, mas a economia deverá acelerar nos anos seguintes até atingir um ritmo de 4,5% dentro de cinco anos. *Luís Reis Ribeiro*